



Caçadores de luz: histórias de fotojornalismo, de Alan Marques, Lula Marques e Sérgio Marques. São Paulo: Editora Publifolha, 2008, 239 páginas.

Caçadores de luz: histórias de fotojornalismo

Sérgio Sade*

O livro *Caçadores de luz* traz histórias – e imagens, naturalmente! – dos irmãos Marques: Alan, Lula e Sérgio, todos dedicados ao fotojornalismo. Os textos narram como os três conseguiram imagens publicadas em primeiras páginas. Falam de todo o processo: da concepção de uma pauta à pós-produção fotográfica. Mais que isso: relatam, inclusive, algumas “brigas” que compraram para justificar a seus superiores hierárquicos que determinada fotografia merecia a capa, e não uma página interna.

Destacando a importância deste profissional, Sérgio Marques, num determinado momento, reforça o que parece ser moeda corrente no jornalismo: “Para o profissional que redige textos, não há problemas em não chegar ao local exatamente, pois ele consegue informações com as pessoas que lá estiveram, mas para nós, repórteres fotográficos, apenas a imagem vale.”

Nada resume melhor a função (sim, pois a profissão é jornalista) de repórter fotográfico que esta frase. “Apenas a imagem vale” significa estar presente no local certo, no momento certo e com a lente certa. Este momento – e tudo que o antecede – é mostrado de forma corajosa no livro. Os irmãos Marques desvendam de maneira precisa as várias etapas que antecedem a fração de segundo em que a câmera fotográfica captura o “momento decisivo” termo criado e immortalizado por Cartier-Bresson.

Nos dias atuais, com a popularização das câmeras digitais, a multiplicação de telefones celulares com câmeras de boa definição e as facilidades de circulação oferecidas pela mídia eletrônica, passa-se a falsa

* Sérgio Sade, jornalista e fotógrafo de jornalismo e publicidade, fotografou para os principais veículos de comunicação impressa do país. Na década de 70, organizou a dirigiu a editoria de Fotografia da revista *Veja*. Atualmente, reside em Curitiba, onde fotografa publicidade e é responsável por um banco de imagens.

impressão de que uma boa fotografia é conseguida apenas com o leve apertar do dedo no disparador. A bem da verdade, uma simples fotografia – obtida com essas facilidades tecnológicas – pode se tornar uma imagem jornalística, em função da factualidade e da quantidade de informação nela contida.

Uma vez publicada, esta imagem tem seu período de vida decretado pelo interesse que provoca no leitor. Ato contínuo, com a publicação da próxima edição do jornal ou revista, a maioria das “fotografias de ontem” é imediatamente esquecida e perde seu valor informativo. Com isso, fotografias maravilhosas, cheias de informação, são vistas nos jornais que embrulham verduras na feira livre do dia seguinte.

O repórter fotográfico está acostumado com a importância passageira do resultado de seu trabalho. Contudo, a publicação – sempre – é seu objetivo principal, e de preferência na primeira página. A não publicação é, para ele, a frustração maior. Muitas vezes uma fotografia deixa de ser publicada por não ter chegado a tempo na mesa do editor, mesmo hoje, em tempos de internet.

Os fotógrafos e veículos de comunicação estão se dando conta que um arquivo bem organizado prolonga a vida útil da imagem. Duas situações são relatadas no livro. Numa delas, a imagem captada por Lula Marques, em 2003, desmentiu o presidente Lula, em 2007. A fotografia mostra o clima cordial, de amizade e confiança, que ele mantinha com o ex-tesoureiro do PT (Partido dos Trabalhadores), Delúbio Soares. Quando estourou o escândalo do mensalão, Lula (o presidente), como sempre, negou ter conhecimento do caso e a amizade com o tesoureiro denunciado. Quatro anos depois de capturada, a fotografia de Lula (o fotógrafo) foi utilizada para desmentir as declarações do presidente.

Na outra situação, uma fotografia tomada por Alan, em que também aparece o presidente Lula, foi utilizada pelo *The New York Times*. Desta feita, no sentido contrário, para “condenar” o presidente Lula por uma gafe (bastante questionável) que cometeu. Alan o fotografou na Oktoberfest, de Blumenau (SC), com um caneco de chopp – símbolo da festa – na mão. Larry Rother, o correspondente no Brasil do jornal

estadunidense, escreveu uma matéria denunciando os hábitos étlicos do presidente brasileiro e usou a fotografia de Alan Marques para confirmar suas informações.

Mesmo sendo um crítico da mudança de postura do PT ao assumir o poder, Alan ficou indignado ao ver sua fotografia desvirtuando o contexto em que foi tomada. “No primeiro momento fiquei feliz por ver minha fotografia publicada em um dos mais importantes jornais do mundo; mas logo percebi que a imagem tinha sido usada fora do contexto, para dar força a um artigo, e que aquilo não representava a realidade.”

Eu me identifiquei muito com o livro dos irmãos Marques. Como repórter fotográfico das revistas *Veja* e *Placar* por mais de vinte anos, tive a oportunidade de viver situações muito semelhantes às descritas por eles. Mais tarde, como editor de fotografia das mesmas revistas, vivenciei as dificuldades para aumentar o espaço – e ganhar novos – para as fotografias conseguidas com tanta dedicação pelos fotógrafos da equipe.

Num paralelo entre a fotografia dos anos 70 e as situações descritas na obra, a grande diferença é a chegada da fotografia digital, que eliminou a incerteza da fotografia mal exposta e tornou mais fácil a tarefa de enviar a imagem para a redação. Essa facilidade garante mais tempo para o fotógrafo fotografar, pois substitui horas e horas de trabalho em laboratórios improvisados em quartos de hotéis, máquinas de telefotos e desgastantes idas aos aeroportos, para conseguir que um simples passageiro transportasse gentilmente os filmes e os entregasse para um emissário do jornal, que o estaria esperando no aeroporto de chegada.

Contudo, a sensibilidade e a dedicação, tão bem evidenciadas nas fotografias do livro, continuam a ser os grandes diferenciais para o fotógrafo de sucesso, seja qual for o equipamento que utilize. Alan fala de um *feeling* que a experiência incorpora ao fotógrafo: “Há uma coisa etérea que faz diferença no resultado da cobertura, uma sensação que corre meu corpo todas as vezes que vou fotografar. Tenho a nítida impressão de prever o momento que antecede o disparo. Não parece existir a fração de segundo entre o ato de captar a imagem pela lente e o de apertar o botão do obturador da câmera. É algo como prever que dois desafetos vão se

cruzar no plenário, que um preso vai passar por uma fresta da porta ou que o jogador vai comemorar o gol do lado direito do campo. Alguns fotógrafos chamam isso de reflexo, outros de experiência e os mais místicos preferem premonição. Não sei o que é, mas que existe, existe.”

Mas... o que é preciso antes que o resultado dessa dedicação consiga ganhar o disputadíssimo espaço de uma publicação? Os irmãos Marques dão algumas dicas. Alan destaca a dedicação e a concentração: “Dedicação em tempo integral. Pensar no que o concorrente está fazendo e tentar fazer algo diferente – e melhor. Nosso trabalho depende de identificar uma oportunidade que resuma a matéria e guarde a essência da notícia.” Lula defende que, antes de tudo, é preciso pensar no jornalismo como um todo. “Muitos repórteres e também alguns coordenadores pensam no jornal só pelo texto escrito. Do meu ponto de vista, para ser um jornalista completo é preciso pensar em cada matéria por inteiro: texto, foto e título.”

Como os três irmãos trabalham nas sucursais de Brasília dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, é natural que a maioria de suas coberturas fotográficas esteja ligada aos acontecimentos gerados pela vida política da cidade e pelas viagens presidenciais. Lula destaca que, para cobrir o Congresso Nacional, é muito importante estar informado sobre todos os assuntos discutidos e votados. “Precisamos conhecer o perfil de cada senador, de cada deputado”, recomenda. E destaca que, às vezes, o lado pessoal quer falar mais alto que o profissional: “Não é nada fácil manter a imparcialidade. Querendo ou não, todos têm sangue correndo nas veias, o que torna complicado controlar reações de alegria, tristeza ou raiva.”

Aí entra uma das regras mais importantes do jornalismo: a ética. Sérgio relata duas passagens no livro em que se sentiu uma de cada lado do balcão. Na primeira, estava em Nova Iorque e precisa enviar com urgência uma fotografia para o Brasil. Dependia de um aparelho de telefoto e de alguém que a transmitisse. Procurou a agência Reuters, explicou a urgência da situação, mas o funcionário estava fazendo corpo mole, esperando uma compensação. “Não pensei duas vezes. Apesar de isso ir contra todos os meus princípios morais e éticos, coloquei uma nota de 50

dólares no bolso da camisa do operador de telefotos da Reuters e a foto chegou ao Brasil a tempo de ser publicada.”

Do outro lado do balcão, conta que a proximidade com o poder facilita ao fotógrafo de Brasília o acesso a situações que dificilmente testemunharia em outra realidade. Sérgio, por conta de seu conhecimento pessoal, conseguiu uma sessão exclusiva de fotografias com a recém-demitida ministra Zélia Cardoso de Mello, em seu apartamento funcional, na qual obteve a sensível imagem da ex-toda-poderosa com os olhos marejados. “A ministra sentada no sofá de sua sala começou a ler uma carta que havia recebido de uma criança em voz alta para mim. Neste momento, eu já estava fotografando. Parei de fotografar quando ela embargou a voz. Não me senti à vontade em explorar uma cena como aquela. A foto já feita foi publicada na primeira página de *O Globo*”, relata.

Outra pauta constante nas sucursais de Brasília são as coberturas das viagens internacionais do presidente e comitivas. Porém, mesmo neste momento, em que o fotógrafo eleito para cobrir a viagem é invejado pelos preteridos, os irmãos Marques mantêm uma visão crítica e realística, desmistificando os prazeres e sofisticções mostrados em anúncios, filmes e vídeos sobre jornalistas. Quem explica é Alan: “Quem pensa que acompanhar chefe de estado é prêmio, não leva em conta o estresse e a dedicação exigida para esse tipo de pauta. Imagine acordar num lugar estranho e do qual depois de tantas mudanças você nem lembra o nome. Que horas são? Onde estou? Que país é este? Olhar ao redor e descobrir que está num quarto de hotel, mas um hotel do qual também não se sabe o nome.”

As boas pautas fotográficas, ao mesmo tempo em que geram ótimas imagens, produzem emoções intensas de tristeza, revolta e frustração. São sentimentos que se acumulam ao longo da carreira do repórter fotográfico. Em algumas ocasiões, vencer a batalha íntima consigo mesmo significa suplantar seus próprios colegas, muitas vezes grandes amigos. Além disso, é preciso contar ainda com a boa vontade e lucidez dos editores para avaliar o real valor de uma imagem.

Numa de suas histórias, Lula enumera as dificuldades para se conseguir uma boa fotografia, às vezes exclusiva, de um acontecimento e da mão-de-obra que dá para implacá-la no jornal: “Quando nós fotografamos e temos uma grande foto, o que mais queremos é fazê-la chegar ao jornal. Não dormir, não comer, levar um tapa de um soldado, acabar numa delegacia e um só pensamento: o jornal já deve estar fechado, devem ter usado uma foto de agência. Eles adoram publicar fotos de agência, mesmo tendo um fotógrafo na cobertura.”

Mas ao final, seja uma pauta local ou uma grande cobertura internacional, todos os aspectos e sentimentos negativos são superados pela alegria de ver a imagem publicada e a certeza de haver feito um bom trabalho.

Caçadores de luz é um manual de fotojornalismo. Leitura obrigatória para todo jornalista, seja repórter fotográfico, repórter de texto, redator ou editor. Também deve ser considerada leitura obrigatória para os futuros jornalistas, os estudantes de Comunicação. E, claro, para todos os amantes da fotografia.